

1971

AMAURI E CEILÂNDIA

(MENINO É ORGULHO DE VIDA)

Gustavo Moreno/CB/D.A. Press



UM DOS PRIMEIROS BEBÊS DE CEILÂNDIA, AMAURI CRESCU E FORMOU FAMÍLIA NA CIDADE QUE INSPIROU VITÓRIAS

NAIRA TRINDADE

O vento soprava a poeira vermelha para dentro dos barracos de madeirite. Com persistência e um pano na mão, Francisca Coelho Pereira, grávida de cinco meses, vencia a sujeira ao tirar o pó dos móveis. Era março de 1971. Havia poucos dias que ela e o marido, o pastor evangélico Avelino Pereira, tinham ganhado novo endereço. Eles deixaram a Invasão do IAPI, no Núcleo Bandeirante, para se tornarem pioneiros na construção da nova e promissora cidade. Da Comissão de Erradicação de Invasões (CEI — sigla que deu nome a Ceilândia), surgia um lugar gostoso de se morar.

Do ventre de Francisca, nasceu o primogênito de Ceilândia, na manhã daquela quarta-feira, 7 de julho de 1971. O pequeno Amauri Coelho Pereira foi registrado dias depois no Cartório do 1º Ofício Registro Civil Pessoa Jurídica, no Venâncio 2000. Ceilândia ainda não tinha hospital, cartório, delegacias. Por isso, Francisca teve que correr à

maternidade do Hospital Distrital da L2 Sul — considerada naquele ano o maior berçário de Brasília, com média de 340 partos mensais. “Naquela época, a cidade não passava de grande mata loteada”, conta a filha de Francisca, Ranete Coelho Pereira.

Amauri Coelho Pereira ficaria conhecido como o primeiro bebê a nascer entre os moradores de Ceilândia. “Meu pai era pastor da Igreja de Cristo de Ceilândia e, por isso, fomos umas das primeiras famílias a chegar”, lembra. Assim como a cidade, o menino cresceu com dificuldades. Na infância, conciliava os estudos com a venda de salgados e doces pela rua. De manhã, assistia à aula; de tarde, passava de casa em casa oferecendo os produtos da mãe. “Tinha coxinha, pastel, bolo e doce de coco. Vendia salgados por muito tempo para ajudar nas contas de casa”, conta ele.

Aos 15 anos, trocou a cesta de salgados por uma caixa de engraxate. Ele e Ceilândia estavam crescendo. Aos 16 anos, a cidade já contava com 480 mil habitantes. E colhia frutos. Assim como Amauri, que

passara em três concursos públicos: Câmara Legislativa, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros. Ele escolheu proteger a população. Tornou-se policial militar. “Ceilândia se transformou. Até 10 anos atrás, deixou de ser meramente uma vila de camas para ser independente economicamente. Fornecemos produtos de consumo e mão de obra. Vamos minimizar algumas condições subumanas. Esse é o nosso desafio”, planeja o administrador regional, Leonardo Moraes.

Em 2005, como fruto do crescimento, o GDF transferiu o carnaval para o Ceilambódromo. “A festa ficou mais próxima do povo”, admite o administrador. Hoje, Ceilândia comemora 38 anos e, como seu primogênito, criou vários filhos. A cidade abraça 600 mil habitantes, grande parte vinda do Nordeste do país. Amauri está casado com Alessandra Alencar de Andrade Coelho, 32 anos, e tem quatro crianças: Lucas de Araújo Coelho, 14, Luiza de Araújo Coelho, 12, Maria Eduarda Andrade Coelho, 5, e João Miguel Andrade Coelho, 2, que juntos vão poder comemorar os próximos aniversários de Brasília e Ceilândia.

E MAIS...

Em 1971, Brasília pôde ver de perto as obras do artista Glenio Bianchetti, considerado um dos pintores expressionistas figurativos de maior talento e originalidade surgidos no modernismo brasileiro. No mesmo ano, o país teve que aprender uma nova grafia com a reforma ortográfica que tirava alguns acentos diferenciais. A intenção do acordo ortográfico era aproximar um pouco mais a ortografia do Brasil e de Portugal. Em protesto contra a ditadura, a estilista Zuzu Angel criou uma coleção para denunciar a tortura no Brasil. O desfile que estampava anjos feridos, tanques de guerra e manchas de sangue em Nova York era para denunciar a morte do filho, Stuart Angel Jones, meses antes, na Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro. Na Suíça, as mulheres ganharam voz ativa. Por meio de plebiscito feito apenas por homens, elas tiveram aprovado o direito de ir às urnas.